



PROIBIDO PARA MOÇAS: MASCULINIDADES, MORALIDADE E EROTISMO NOS “ROMANCES PARA HOMENS” – CURITIBA, 1910-1924

Fernanda Cássia dos Santos¹

O objetivo dessa comunicação é apresentar o trabalho ainda em fase inicial que será desenvolvido em função da conclusão do curso de Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná sobre a construção das masculinidades na passagem do século XIX para o XX a partir dos chamados “Romances para Homens”, um tipo de literatura de caráter erótico, desenvolvida para o público masculino.

No início do século XX houve um aumento significativo do número de livrarias instaladas na cidade de Curitiba, o que indica que o comércio de livros tornou-se um ramo econômico lucrativo.² Só na última década do século XIX, foram fundadas a *Livraria da Imprensa Paranaense*,³ a *Livraria Econômica*, a *Livraria Popular* e o *Atelier Novo Mundo*. Na década seguinte, passaram também a funcionar a *Livraria Polaca*, a *Livraria Mundial* e a *Casa das Novidades*.⁴

Se por um lado, esse aumento no número dos estabelecimentos relacionados à venda de livros decorre da presença dos estudantes da Universidade do Paraná, como aponta Cláudio Denipoti⁵, por outro, a capital paranaense também acompanhou uma tendência de venda de livros baratos, alguns de grande sucesso, que atendiam um público de interesses muito distantes dos da academia. Já na década de 1870 no Rio de Janeiro, que por ser a capital federal do país tornou-se o ponto de partida do nosso mercado editorial, uma série de livreiros abriu suas portas e iniciou uma produção crescente de livros e periódicos que aos poucos foram sendo transformados em produtos acessíveis e lucrativos⁶. Os livros, antes impressos em formato in-fólio⁷, passaram a ser feitos em in-quarto ou em in-oitavo de papéis pouco resistentes e encadernados em brochuras, barateando a

¹ Mestranda da linha de pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História”, do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. E-mail: fernanda.ufpr@yahoo.com.br.

² DENIPOTI, Cláudio. As livrarias de Curitiba no século XIX. In: TEIXEIRA, Valéria Marques; DUARTE, Otávio. (Org.). *Histórias de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2008, p. 94.

³ A livraria da Imprensa Paranaense, fundada em 1897, ganhou destaque publicitário nos jornais da cidade durante várias décadas. Pelo menos nos vinte primeiros anos de funcionamento, foi observado que seus anúncios ocupavam com muita frequência uma página inteira de diversos periódicos, como *O Olho da Rua* e *A República*.

⁴ CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975, p. 22.

⁵ DENIPOTI, Cláudio. Op. Cit. p. 95.

⁶ EL FAR, Alessandra. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, pp. 38-39.

⁷ In-fólio era o nome dado a uma grande folha de papel que formava um caderno de quatro páginas se dobrada uma única vez.



produção e permitindo que leitores de menor poder aquisitivo pudessem adquiri-los. Neste sentido, começaram a ser produzidos títulos e gêneros diversificados, capazes de atrair o grande público: peças de teatro, livros de culinária, histórias infantis, livros de adivinhações, os chamados romances de sensações, folhetos, manuais, almanaques, entre outros.⁸

Na busca de ampliar o público consumidor, os editores passaram também a investir em publicações marcadas pelo estatuto do gênero, ou seja, destinadas especificamente para o público feminino ou masculino. Para as mulheres, investiu-se em romances, revistas femininas, textos de caráter educativo dedicados a informar e entreter o universo feminino. Nos periódicos, a moda foi um tema recorrente nas páginas dedicadas às mulheres, como é o caso da *Página Feminina* do periódico curitibano *O Olho da Rua*, que circulou de 1907 a 1911. As mulheres, principalmente as de classes sociais mais favorecidas, tinham restrições para sair à rua, o que as tornava mais reclusas⁹ e a leitura passou a ser um passatempo por elas muito apreciado. Disto decorre o fato de que grande parte dos romances produzidos durante o século XIX e o início do século XX foram dedicados a elas, observe-se as expressões “minha cara leitora” ou “oh, leitora!” presentes nas obras de Machado de Assis.

Já para o público masculino exclusivamente, eram reservadas leituras de caráter pornográfico freqüentemente anunciadas pelas livrarias nos jornais como “romances para homens”, “leituras para homens” ou simplesmente “só para homens”. Os enredos dos mais diversos traziam mulheres que traíam seus maridos, meninas que perdiam a virgindade antes do casamento, padres e freiras que rompiam com os seus votos “e as mais diferentes personagens envolvidas no movimentado cotidiano dos bordéis e casas de prostituição”.¹⁰

Livros com tal temática, tão distante do que era defendido pelo discurso moral do período, eram proibidos para as mulheres, tidas como seres de personalidade frágil e suscetível aos enlevos da narrativa¹¹. Diferentemente, os homens eram vistos como capazes de discernir o mundo da ficção do cotidiano das regras e dos bons costumes e, portanto, podiam ter acesso irrestrito a esse tipo de leitura. Além disso, o ideal de feminilidade do período exigia que a mulher fosse “o centro difusor da moralidade e dos costumes”,¹² o que logo tornava inadmissível o contato com determinadas leituras.

⁸ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. pp. 32-34.

⁹ ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 43.

¹⁰ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p.49.

¹¹ Idem. p. 49.

¹² ESTEVES, Martha de Abreu. Op. Cit. p. 58.



A leitura de textos tidos como inadequados muitas vezes foi responsabilizada pela incidência de males como o onanismo¹³. Se no homem, a masturbação era considerada um vício capaz de prejudicar seus casamentos e famílias, para a mulher a possibilidade de ter prazer sem um homem era vista como intolerável. Para a medicina do período o “clitorismo” poderia trazer conseqüências como: hálito forte, sardas e espinhas, gengivas e lábios descorados, perdas de memória, degeneração mental e morte lenta e dolorosa.¹⁴ E não era preciso um livro ser vendido sob a designação de “romances para homens” para ser condenado. Em seu livro *Clotiodes ou Marias*, Etelvina Maria de Castro Trindade relata o banimento de Eça de Queirós por uma escola religiosa feminina de Curitiba no início do século XX sob a acusação de ser imoral.¹⁵

Ainda que houvesse inúmeros motivos para que os “romances para homens” fossem condenados, o fato é que foram muito vendidos. Com enredos variáveis inclusive na quantidade de elementos pornográficos (sendo alguns compostos basicamente por uma seqüência de cópulas e imagens apelativas e outros mais focados na história, apenas com algum conteúdo mais explícito), esse tipo de literatura circulou no Rio de Janeiro com ampla divulgação a partir de 1870 e em Curitiba a partir de 1910 e até 1924, segundo os anúncios de livrarias encontrados nos jornais da época¹⁶.

Sabe-se que as livrarias da cidade de Curitiba também editavam livros, pois esse serviço era oferecido também em seus anúncios, mas pelo menos na busca preliminar realizada para a escrita desta proposta de pesquisa, não foram encontradas referências que possam indicar que esse tipo de literatura tenha sido produzido neste período na capital paranaense. Os títulos listados em anúncios da livraria Econômica são em sua maioria os mesmos que circularam na cidade do Rio de Janeiro do período, se compararmos com as listas estudadas pela antropóloga Alessandra El Far em seu livro *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica na cidade do Rio de Janeiro (1870-1924)*. Isso se explica pelo fato de que as livrarias localizadas na cidade de Curitiba se dedicavam a trazer para a cidade livros dos mais variados, que vinham de outros centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris e Buenos Aires¹⁷.

¹³ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 346-348.

¹⁴DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 208.

¹⁵TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotiodes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996. p. 47.

¹⁶ Na busca de fontes para esse projeto de pesquisa, foram encontradas listas de livros disponíveis para a venda na livraria Econômica desde 1903 no jornal *A República*. No entanto, essa livraria só passa a dividir seus livros por gênero a partir de 1908 e em 1910 aparece a nomenclatura “Romances para homens” pela primeira vez.

¹⁷DENIPOTI, Cláudio. Op. Cit. p. 96.



Vendidos pelo valor de mil réis (1\$000)¹⁸ e anunciados após frases como: “livros baratos de ricas capas e impressões nítidas”¹⁹ e “leitura agradável por pouco dinheiro”²⁰, os “romances para homens” dialogaram com os desejos e preocupações de seus leitores. Se considerarmos que no processo de leitura ocorrem os fenômenos de identificação e de redescoberta de si através da observação do outro, como afirma Wolfgang Iser,²¹ podemos compreender que o próprio ato da leitura indica que foi estabelecida uma relação entre o conteúdo dos livros e as sensibilidades masculinas do período.

Uma hipótese possível de ser levantada é a de que ao mesmo tempo em que “os romances para homens” desafiaram determinados valores morais das sociedades nas quais foram escritos e lidos, confirmaram outros. Um indício de que isso ocorreu é o fato de que os finais das histórias contadas, apesar de todas as aventuras vividas pelas personagens, são sempre trágicos para elas. Desta forma, parece haver uma indicação de que há limites para a vivência das fantasias eróticas e que a sua transgressão leva a fatalidades.

O conteúdo erótico das narrativas e as transgressões realizadas pelas suas personagens suscitam a dúvida a respeito do modo como os leitores do início do século ao se depararem com histórias que conferiam visibilidade a conquistadores bem dotados, espertos e bem sucedidos na satisfação de seus desejos, realizaram a mediação entre os interditos de sua sociedade e as peripécias descritas nas narrativas. Na impossibilidade de atingir diretamente esse público leitor que não deixou registros sobre suas leituras, optou-se por comparar o conteúdo dos “romances para homens” com o discurso moral difundido nos periódicos da cidade de Curitiba dos anos em que foram anunciados os romances nos jornais locais. Neste sentido, o objetivo da pesquisa que se pretende desenvolver é o de observar de que forma interdição e transgressão ou moralidade e erotismo se relacionaram na construção das masculinidades do período.

Bibliografia

CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

¹⁸ Silvia Damázio em seu livro *Retrato Social do Rio de Janeiro da virada do século* demonstra que essa quantia na cidade do Rio de Janeiro servia para compara uma passagem de bonde (apenas ida) ou um jantar barato no largo da Carioca. Para fins de comparação, um chapéu à disposição do público custava entre três mil réis e dezesseis mil reis, segundo a autora.

¹⁹ Anúncio da Livraria Econômica em *A República* de março de 1917.

²⁰ Livraria Econômica, *A República*, julho de 1920.

²¹ ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture*. Bruxelles: Mardaga, 1985. p. 94.



DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DENIPOTI, Cláudio. As livrarias de Curitiba no século XIX. In: TEIXEIRA, Valéria Marques; DUARTE, Otávio. (Org.). *Histórias de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2008.

EL FAR, Alessandra. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture*. Bruxelles: Mardaga, 1985.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotiodes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.